

# CONEXÕES ITAÚ CULTURAL INICIA MAPEAMENTO DE ESTUDOS SOBRE CINEMA BRASILEIRO

em 05/08/2019



Desde 2007, o Conexões Itaú Cultural realiza um mapeamento inédito da presença da literatura brasileira no mundo, com as pesquisadoras Fernanda Guimarães e Rita Palmeira, e os consultores Felipe Lindoso e João Cezar de Castro Rocha. Hoje, o mapeamento já figura com 347 mapeados em 34 países, representando 166 instituições (universidades, centros de estudos, associações etc). Em 2019, o programa inicia o mapeamento de pesquisas acadêmicas sobre cinema brasileiro em instituições estrangeiras. Nessa nova vertente, Eduardo Morettin, Professor de História do Audiovisual, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (USP), atuará como consultor. A seguir, está uma entrevista com Morettin, analisando possíveis escopos para estruturar esse novo caminho do Conexões Itaú Cultural.

## 1) Quais são suas principais referências de nomes e instituições estrangeiras que são relevantes na pesquisa sobre o cinema brasileiro?

Há muitos pesquisadores que realizaram trabalhos importantes sobre cinema brasileiro fora do Brasil. Penso, dentre outros, em Robert Stam e **Randal Johnson**. Eles organizaram o primeiro livro em língua inglesa sobre cinema brasileiro, a saber, *Brazilian Cinema* (1982), que traz textos de viés panorâmico sobre diversos períodos de nossa história, com ênfase nos estudos a respeito do cinema novo e do que havia sido realizado até então, ou seja, o final dos anos 1970. A primeira parte é dedicada aos textos e manifestos escritos pelos diretores. A segunda, aos filmes. A terceira, a temas específicos. A **Paulo Emílio Salles Gomes**, que tem o seu ensaio *Cinema: trajetória no subdesenvolvimento* (1973) traduzido, o livro é dedicado. Os dois pesquisadores consolidaram, com inúmeras publicações, como *Tropical Multiculturalism* (1997, vertido para o português em 2008), de Stam, que história a presença de negros e índios no cinema brasileiro desde os primeiros tempos, passando por *Cinema Novo x 5: Masters of Contemporary Brazilian Film* (1984) e *The Film Industry in Brazil: Culture and the State* (1987), todo um campo de estudos sobre o cinema feito aqui se irradiou em diferentes pesquisas universitárias hoje em curso nos Estados Unidos.

Sylvie Debs dedicou-se ao estudo da cultura brasileira por meio da literatura e do cinema brasileiro, em especial o cinema novo, como atestam os livros *Cinéma et Littérature au Brésil Les Mythes du Sertão: Émergence d'une Identité Nationale* (2002; traduzido para o português em 2007 com segunda edição em 2010) e *Brésil, l'atelier des*

*cinéastes*(2004). Paulo Antonio Paranaguá, crítico e historiador sediado na França, é outro nome que poderia aqui ser evocado. Ele publicou inúmeros trabalhos no exterior sobre o cinema latino-americano e brasileiro, com destaque para a organização do livro *Le cinéma brésilien* (1987), fruto de uma retrospectiva consagrada ao cinema brasileiro realizada pelo Centro Georges Pompidou, de março a outubro de 1987.

A referência a esta mostra é importante também para salientar o papel que as cinematecas, os centros e as instituições culturais ocupam na divulgação de nossos filmes, produzindo livros e catálogos que sistematizaram, em determinado momento, o que se produziu a respeito do tema. Dentre as inúmeras publicações evoco o livro/catálogo *Prima e dopo la rivoluzione: Brasile anni '60: dal cinema novo al cinema marginal* (1995), ligado à décima terceira edição do Festival Internazionale Cinema Giovani, realizado na cidade de Turim, e, mais recentemente, *Tropicália and Beyond: Dialogues in Brazilian Film History* (2017), livro organizado por Stefan Solomon, que reúne ensaios, entrevistas e manifestos a propósito de mostra homônima ocorrida na Tate Modern em novembro de 2017.

A presença de movimentos, cineastas, filmes e estrelas que circulam pelos dois lados do continente ou do Atlântico também motivaram pesquisas muito consistentes, como a de Catherine Benamou (*It's All True: Orson Welles's Pan-American Odyssey*, 2007) a respeito da empreitada cinematográfica empreendida por Orson Welles no Brasil nos anos 1940, e as reunidas por Tim Ergfelder, João Luiz Vieira e Lisa Shaw no livro *Stars and stardom in Brazilian Cinema*(2017), dedicadas às estrelas de nosso cinema, como Carmen Miranda.

O cinema novo e, em especial, **Glauber Rocha**, como se constata pelos títulos listados acima, constituem o foco de interesse também pela sua articulação com o cinema e a cultura latino-americanas. Pesquisadores como Tzvi Tal (*Pantallas y revolución. Una visión comparativa del cine de liberación y el cinema novo*, 2005), Peter Schumann e Peter Schulze, organizadores de *Glauber Rocha e as culturas na América Latina* (2011), e Ignacio Del Valle Dávila (*Le nouveau cinéma latino-américain. 1960 – 1974*, 2015) são alguns dos estudiosos que procuraram situar essa contribuição e o caráter transnacional dos filmes, textos e manifestos do movimento. A riqueza dos filmes de Glauber, por sua vez, estimulam estudiosos a enfrentar sua obra em perspectiva com o cinema moderno, como faz David Oubina em *Filmología: Ensayos con el cine* (2000), um dos muitos que poderiam ser citados.

Ao falarmos de uma perspectiva transnacional, o trabalho que vem desenvolvendo Lúcia Nagib, atualmente na University of Reading, deve ser ressaltado. Lúcia Nagib construiu sua trajetória acadêmica na Universidade de São Paulo, pesquisando o cinema de Werner Herzog e Nagisa Oshima. Em sua carreira como professora nas universidades inglesas, coordenou inúmeras iniciativas editoriais de relevo, como o recente *On Cinema* (2017), que reúne textos de Glauber Rocha, muitos deles pela primeira vez disponíveis em inglês, além de ter publicado diversos artigos e livros dedicados à história do cinema brasileiro, como *Brazil on screen: Cinema Novo, new cinema and utopia*(2007). Cabe ressaltar também a coordenação do projeto de pesquisa *Towards an Intermedial History of Brazilian Cinema: Exploring Intermediality as a Historiographic Method*, em parceria com professores do curso de Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos. Por fim, há um grupo de publicações mais recentes que deve ser indicado, como os de: Lisa Shaw e Stephanie Dennison, responsáveis pela organização de *Popular Cinema in Brazil* (2004) e *Brazilian National Cinema* (2007); Maite Conde, autora de *Consuming Visions. Cinema, Writing, and Modernity in Rio de Janeiro* (2012) e *Foundational Films: Early Cinema and Modernity in Brazil* (2018), e co-organizadora com Dennison de *Paulo Emílio Salles Gomes: On Brazil and Global Cinema* (2018); Alberto da Silva, *Genre et dictature dans le cinéma brésilien. Les films d'Ana Carolina et Arnaldo Jabor* (2016). Estes livros atestam a diversidade de temas e abordagens na reflexão sobre o cinema brasileiro nas publicações editadas no exterior.

A despeito da existência de tantos pesquisadores que no exterior se dedicam e estudam o cinema brasileiro, não é possível afirmar que há um centro de referência internacional que tenha o nosso cinema como eixo identitário. Muitas universidades no exterior possuem departamentos de espanhol e português, além de centros de estudos latino-americanos nos quais o cinema é um dos assuntos de interesse, mas nem sempre o principal. Há também universidades com forte tradição em estudos brasileiros. Neles, alguns estudiosos se destacam, como Darlene Sadlier, autora de *Nelson Pereira dos Santos* (2012) e professora do programa interdisciplinar Brazilian Studies do Center for Latin American and Caribbean Studies da Indiana University. Por último, gostaria de me referir às associações científicas

internacionais, como a Brazilian Student Association (BRASA) e a Latin America Studies Association (LASA), espaços importantes de apresentações de resultados de pesquisa ligados ao cinema brasileiro no exterior.

## **2) Qual recorte pretende sugerir para iniciar o mapeamento? Qual o público inicialmente pretendido?**

O recorte será fornecido tanto pelo levantamento de informações já mapeadas pelo projeto Conexões Itaú Cultural, quanto por pesquisas complementares a serem feitas nas instituições dedicadas à pesquisa e preservação da história do nosso cinema, como as universidades, as associações científicas e a Cinemateca Brasileira. A intenção é a de incluir no mapeamento pesquisadores vinculados a estas instituições que tenham publicado livros ou catálogos sobre cinema brasileiro no exterior, pensado ou como objeto autônomo ou em relação a outras cinematografias. Em uma estimativa inicial são mais de cinquenta pesquisadores espalhados pelos quatro cantos do mundo, uma parte atuante desde a década de 1980, outra formada mais recentemente. Essa diversidade geográfica, institucional e geracional provavelmente se refletirá no mapeamento que pretendemos entregar para consulta ao público em geral.

## **3) Criado com foco na literatura brasileira no exterior, o Conexões Itaú Cultural constatou que Cinema é a principal resposta à questão “outros aspectos de interesse da cultura brasileira” entre os mapeados. Como trabalhar relações entre os dois temas nesta nova fase de mapeamento?**

Muitas vezes a “porta de entrada” do pesquisador para o universo cinematográfico brasileiro ocorreu por meio da literatura e de seu estudo no exterior. Um dos exemplos é Randal Johnson, que fez o seu mestrado sobre Adonias Filho na Universidade do Texas e depois concluiu seu doutorado pela mesma instituição comparando o livro *Macunaíma*, de **Mário de Andrade** com o filme homônimo de Joaquim Pedro de Andrade, lançado em 1969, tese que foi publicada no Brasil com o título *Literatura e cinema: Macunaíma: do modernismo na literatura ao cinema novo* (1982). Contribuiu também para esse interesse o fato de termos filmes muito ricos na abordagem que propõem das obras literárias, como é o caso de **Graciliano Ramos** e as leituras fílmicas de **Nelson Pereira dos Santos** (*Vidas Secas*, 1963) e **Leon Hirszman** (*São Bernardo*, 1972), de **Clarice Lispector** por **Suzana Amaral** (*A hora da estrela*, 1985), de **Raduan Nassar** por **Luiz Fernando Carvalho** (*Lavoura Arcaica*, 2001), dentre inúmeros exemplos que poderiam ilustrar esse percurso e movimento comparatista. Adaptações continuam a ser feitas e a discussão teórica sobre as relações entre cinema e literatura constitui um dos campos mais densos de reflexão teórica, como indica o trabalho atualmente desenvolvido por Denilson Lopes, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro que, na Universidade de Columbia, realiza pesquisa sobre a produção literária de Mário Peixoto, diretor de *Limite* (1931). Há, portanto, que se abrir para as múltiplas possibilidades de pensar essa relação cinema e literatura, incorporando as pesquisas mais recentes e os olhares recíprocos que são trocados.

## **4) Qual a expectativa específica em relação ao trabalho com os itens a seguir? Gostaria de destacar algum outro? Ficção, Documentários, Animação, Festivais / Premiações, Produtoras, Distribuidoras, Universidades / Instituições de ensino.**

A ideia, como ficou indicado acima, é a de mapear principalmente a produção acadêmica, vinculada também aos festivais e cinematecas. No que diz respeito aos arquivos fílmicos, é bom salientar que não há propriamente divulgação do patrimônio cinematográfico de nossa cultura se não existirem arquivos bem organizados e em funcionamento. O que interessa é recuperar essa reflexão sobre o cinema brasileiro, não importando muito se ela se efetiva por meio de documentários ou filmes de animação.

## **5) O poder público vem atuando para propiciar boas notícias para o cinema brasileiro no exterior, em relação ao mercado e pesquisa?**

As agências de fomento no estado de São Paulo e no país, como a FAPESP e a CAPES, destinam ainda muitos recursos para a pesquisa no exterior por meio de diferentes editais. Há bolsas de doutorado pleno, bolsas sanduíche no exterior, pós-doutorados etc., que permitem o adensamento da reflexão sobre o cinema brasileiro em centros universitários importantes na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina.

Por outro lado, tudo o que diz respeito ao patrimônio cultural em nosso país não é tratado com a devida importância, sendo de fato lembrado por conta de alguma efeméride, como a que teremos em 2022 com o bicentenário da proclamação da independência, o que levará a destinação, espero, de mais recursos às instituições de guarda dessa memória, ou em virtude de algum desastre, como foi o incêndio do Museu Nacional, que deixou a todos atônitos. Como dizia Paulo Emílio Salles Gomes nos anos 1950, “não há cultura sem perspectiva histórica, e como conhecer a história do cinema se os filmes não foram conservados?” Infelizmente, apesar dos inegáveis avanços, a pergunta ainda faz sentido.

### **Sobre Eduardo Morettin:**

Professor de História do Audiovisual da Escola de Comunicações e Artes da USP. É autor de *Humberto Mauro, Cinema, História* (SP, Alameda Editorial, 2013), dentre outras obras. É um dos líderes do Grupo de Pesquisa CNPq História e Audiovisual: circularidades e formas de comunicação (site <http://historiaeaudiovisual.weebly.com/>), que organiza, dentre outras atividades, o Colóquio Internacional de Cinema e História, atualmente em sua quarta edição. É bolsista produtividade em pesquisa CNPq, nível 2.